

## ERAS DO MUNDO E FINITUDE DO HOMEM EM ALGUNS TEXTOS PERSAS TARDIOS\*

*Vicente Dobronka<sup>7</sup>*

### RESUMO

Este capítulo discute os diferentes usos das periodizações históricas num apocalipse persa conhecido como *Zand-i Wahman Yasn* (ZWY). Enfatiza-se que ao longo do apocalipse citado são utilizadas matrizes diferentes dos temas tradicionais dos metais, das idades do mundo e dos impérios mundiais. No capítulo, alguma atenção é concedida também a certas sutilezas do persa médio nos manuscritos do ZWY que podem alterar nossa compreensão do texto.

**Palavras-chave:** Persas – Apocalipse – Periodização

### ABSTRACT

This chapter discusses the different uses of historical periodizations in a Persian apocalypse called the *Zand-i Wahman Yasn* (ZWY). It emphasizes that along the apocalypse different matrixes of the traditional themes of the metals, world ages and

---

\* Para as citações bíblicas utilizei a Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 1985), cotejada com os trechos em grego do *software BibleWorks 7.0*. Para os textos clássicos utilizei as edições da Loeb Classical Library e, para as eventuais referências aos Manuscritos do Mar Morto, a edição inglesa de Geza Vermès. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997. Para as fontes persas, uma primeira consulta foi feita à prática obra de Mary Boyce (*Textual Sources for the Study of Zoroastrianism*. Manchester: Manchester University Press, 1984), e para cada fonte em particular conforme aparecerem ao longo do texto. Para as traduções e transcrições do persa médio ou Pahlavi, adotei a sigla “Pahl.”.

<sup>7</sup> Professor de História Antiga da UnB, Doutor em Teologia, Oxford, Membro do *Ancient India and Iran Trust*, Cambridge, *Life Member* de Clare Hall, Cambridge e participante do projeto 4Enoch ([www.4enoch.org](http://www.4enoch.org)), da Universidade de Michigan.

world empires are to be found. In this chapter attention is also paid to some finer points in Middle Persian variations that may alter our understanding of the sources.

**Keywords:** Persians – Apocalypse - Periodization

## 1 INTRODUÇÃO - O PROBLEMA DAS PERIODIZAÇÕES PERSAS NUMA

### PERSPECTIVA GERAL

Dentre as diferentes formas de conceber e organizar o tempo (mítico e histórico, mesmo tratando-se de grande parte da produção grega e da totalidade da persa, em todos os seus períodos anteriores à modernidade), as periodizações persas merecem destaque especial em qualquer trabalho que se ocupe do tema por diversas razões

Em primeiro lugar, são as primeiras a oferecerem uma concepção teleológica de tempo - i.e., trata-se das primeiras a afirmarem um *telos*, um fim definitivo e não rítmico ou “sazonal” para os eventos históricos (evito propositadamente o termo “cíclico” pois o mesmo pode levar a confusões com relação à repetição dos eventos de forma idêntica, o que nem sempre outras periodizações implicam).

Tal concepção de tempo encontra inextricavelmente ligada ao zoroastrismo, e por isso grande parte deste capítulo discutirá as relações entre a figura de Zoroastro<sup>8</sup> e os textos que lhe são atribuídos, o que por extensão influencia o rumo de nossa discussão a respeito das peculiaridades das periodizações persas e, principalmente, da datação de vários textos-chave para a compreensão das mesmas.

---

<sup>8</sup> Neste trabalho como noutros de minha lavra adoto a versão helenizada do nome de Zarduxšt (“Zoroastro”) por comodidade, pelo fato dela ser mais familiar ao leitor moderno (como já era mais familiar ao leitor helenístico antigo). Para outras personagens do panteão ou da mitologia zoroástricas, mantereí, sempre que possível, grafias e transliterações próximas das originais. Outras exceções são “Ardaxšīr” (“Artaxerxes” em sua forma helenizada), “Wištāsp” (“Vištāsp” ou inúmeras outras formas) e algumas poucas outras. Seguindo normas internacionais nos estudos de iranologia não-estritamente voltados para o público de lingüistas, os trechos discutidos são apresentados diretamente em transcrição e não em transliteração e muito menos nos caracteres do Pahlavi.

## 1.1 AS PERIODIZAÇÕES DIFERENTES

Deve-se ter em mente que há três periodizações-chave para a compreensão dos sistemas cronológicos adotados pelos persas no período pré-islâmico; o leitor deve ainda levar em conta que essas periodizações não são mutuamente excludentes.

O primeiro padrão é o mais familiar pois encontra-se noutros textos antigos (*Oráculos Sibilinos 4, Daniel 2* entre outros): é a seqüência de 4 unidades, ou seja, de quatro impérios = 4 eras = 4 metais. Essa seqüência encontra-se melhor representada, entre os textos persas, no *Zand-i Wahman Yasn*, i.e. no *Zand* (“Comentário”) do “Hino a Wahman”, ou “Bahman”, a divindade auxiliadora de Ohrmazd, o deus supremo e criador, identificado com a luz, o bem e as boas causas. Seu auxiliar Wahman é o responsável pelo “Bom Pensamento”<sup>9</sup>.

No *Zand-i Wahman Yasn* (simplesmente ZWY daqui em diante) encontramos a seqüência de 4 da seguinte forma:

Como está revelado no *Stūdgar*<sup>10</sup>, Zarduxšt buscou a imortalidade de Ohrmazd. Então Ohrmazd mostrou a sabedoria da onisciência a Zarduxšt. E por meio desta ele viu o tronco de uma árvore no qual havia quatro galhos<sup>11</sup>, um de ouro, um de prata, um de aço, e um no qual<sup>12</sup> ferro havia sido misturado. Então ele considerou<sup>13</sup> que

<sup>9</sup> A principal edição utilizada para a análise do ZWY foi a de Cereti (Carlo G. Cereti (ed.). *The Zand i Wahman Yasn: a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995), que contém aparato crítico completo e ainda fac-símiles das páginas dos quatro MSS. sobreviventes, em Pahlavi, do texto - K20, K20b, K43 e DH. Existem sobreviventes em Pazand e em persa moderno, que contribuem em maior ou menor grau para o entendimento texto em persa médio.

<sup>10</sup> No caso, o *Stūdgar Nāsk*, um dos 21 volumes de cópias do material teológico do Avesta, levadas a cabo por um alto sacerdote de nome Tonsar ou Tansar, que teria iniciado seu trabalho sob Ardashir I (206?-241 CE e concluído a tarefa sob Sapor II (309-379 CE)..

<sup>11</sup> Pahl.: *u-š wan-ēw bun padīš be dīd kē čahar azg padīš bud*, [...] (seguem-se os galhos e seus tipos).

<sup>12</sup> Pahl. [...] *ud ēk <i> āhan abar gumēxt \*ēstad*. A idéia de que a “mistura” do ferro antecede o evento similar descrito em Dn 2, no qual adquire outro significado, mais moderno é, a meu ver, “forçado” a adequar-se a realidade dos problemas dinásticos entre Lágidas e Selêucidas, e pode ser encontrada discutida em maior profundidade em meu *paper* “An unlikely mixture: Seleucids and Lagids in Daniel and in Persian apocalyptic”, apresentado no *First Nangeroni Meeting* (parte das sessões do seminário do grupo 4Enoch), em Gazzada, Itália, 26/06/2012.

ele havia visto isso num sonho. Acordado do sono, Zarduxšt disse, 'Ó senhor dos seres materiais e espirituais, parece que vi o tronco de uma árvore no qual havia quatro galhos'.

Ohrmazd respondeu ao Spitāmān Zarduxšt, 'O tronco de árvore que vistes < é o mundo material que eu, Ohrmazd, criei>. Os quatro galhos são as quatro épocas vindouras<sup>14</sup>. A de ouro é aquele em que eu e você converamos, e o rei Vištāsp<sup>15</sup> aceita a religião e quebra os corpos dos dēws<sup>16</sup> e <os dēws, pela condição de serem visíveis>, passam a fugir e se esconder. E a de prata é o reino <de> Artaxerxes o rei Kayânida<sup>17</sup>. E a de aço é o reino <de> Husraw de alma imortal, filho de Kawād. E aquela na qual ferro foi misturado<sup>18</sup> é o domínio maligno <dos> dēws de cabelo partido da

---

<sup>13</sup> Segundo Cereti, a melhor tradução para Pahl. *pad ēd dāšt* (lit, "em isso considerou"); alt., *pad ēd dāstan*, "considerar". Em K20 há uma letra ilegível pelo estado do MS. antes do *pad*.

<sup>14</sup> Note-se o uso do futuro; trata-se de idades "por vir" (Pahl. *rasēd* ou *abar rasidan*; alt. *rasīdan*, "chegar").

<sup>15</sup> Para uma explicação mais detalhada dos problemas de datação, cf. itens 2.3 e 4.3 abaixo.

<sup>16</sup> Pahl. *dēw*: "demônio", "espírito demoníaco", "ser demoníaco".

<sup>17</sup> Para a suposta historicidade dos "kayânidas", reis míticos do Irã avéstico (Bd 31, vejamos este comentário: "In the *Gāthās*, the term *kawi* is closely related to terms such as *karpan* and *usij*, which both designate special kinds of priests, and its Indian relative *kavi*, which designates the poet-sacrificer. In the Young Avesta, the *kawis* are also primarily represented as sacrificers, but in the later Zoroastrian tradition and, especially, in the Persian epic tradition, they have become rulers, from which it was early concluded, though wrongly, that *kawi* meant "prince, ruler." It has been a matter of some speculation whether any of these *kawis* were actually historical figures. If they were, then the Avesta would have preserved valuable historical information about the prehistory of the Iranian tribes in Central Asia after their separation from the Indians. The most exhaustive study on this subject was done by Arthur Christensen in his book on the Kayanian dynasty of Iran, *Les Kayanides*. In it he argued that the rulers who are called *Kawi* in the Avesta (*Kawi Kawata*, etc.) were most probably historical figures, in contrast to those preceding them, who did not carry this title and were probably just mythological figures (*Yima*, *Thraetaona*, etc.), but his argumentation was based on the assumption that Zarathustra was historical, hence also his "royal patron" *Kawi Vishtaspa*. The later Iranian hero Rostam is not mentioned in the Avesta. The list of *kawis* contains at least one figure that is also found in Indian tradition, as shown by H. Lommel and G. Dumézil, namely, *Kawi Usan*, who both by name and by the legends associated with him corresponds to *Kavi* or *Kavya Ushanas* in the Indian tradition. There is therefore good reason to conclude that the list of *Kawis*, as well, contains only mythological figures. (SKJÆRVØ, 2012, Kindle Locations 1390-1399).

<sup>18</sup> Em Dn 2:41; 42; 43 por três vezes menciona-se o ferro misturado ao barro e sempre o barro tem a precedência, outro dado digno de nota e que *sugere* a anterioridade do texto de Dn com relação ao ZWY embora toda conclusão seja forçosamente precária ao comparar-se a infinitude de MSS. daniélicos com nossos 4 alquebrados MSS. do ZWY, somados aos problemas de datação. Deve-se notar que tanto o texto grego de Daniel da LXX quanto a recensão teodocônica invertem a ordem da mistura do ZWY (LXX: καὶ αἰ ὡς ἑώρακας τοὺς πόδας αὐτῆς μέρος μὲν τι ὀστράκου κεραμικοῦ μέρος δέ τι σιδήρου

semente de Xēsm<sup>19</sup>, quando ocorrerá o final de teu décimo milênio, ó Spitāmān Zarduxšt.

A seqüência do ZWY 1 parece, a meu ver, exprimir um ponto de vista metahistórico mais primitivo do que a do ZWY 3, *ainda que essa “anterioridade” do arranjo do cap.1 em relação ao cap.3 não seja o motivo de minha teoria* - afinal, o que temos em mãos é não apenas um texto compósito mas possivelmente também “organizado” tardiamente para adquirir o formato que hoje conhecemos. Já afirmei isso noutras oportunidades e noutros textos e sustento minha opinião, até o momento da publicação do presente capítulo, por diversas razões.

A primeira delas é que a ordenação dos impérios e metais em ZWY 1 é mais simples e mais grosseira (i.e. incorpora menos elementos na trama, sejam eles “históricos” ou “míticos”) do que em ZWY. Considero isso um elemento importante quando se argumenta que a seqüência de 4 poderia ser uma “simplificação” da “original” de 7, a de ZWY 3. A isto acrescento outro argumento: ordenações de sete impérios, eras ou metais são muito menos comuns - os exemplos que ocorrem agora são apenas os de OrSib 3.156-195. Por outro lado, as séries com 4 elementos são as mais freqüentes.

Outro fator importante a se considerar é que, enquanto exemplos mais tardios (como, digamos, Dn 2 ou mesmo Dn 7) veiculam em linguagem fantástica, zoomórfica ou antropomórfica imagens de impérios sucessivos incorporando as séries de metais, tanto em ZWY 1 quanto em 3 temos uma mistura de impérios míticos com históricos. A meu ver, isso ocorre pelo fato do(s) compilador(es) estarem ainda num estágio em que o pensamento metahistórico encontra-se muito preso ao pensamento mitológico em

---

βασιλεία ἄλλη διμερῆς ἔσται ἐν αὐτῇ καθάπερ εἶδες τὸν σίδηρον [...]; **TH:** καὶ ὅτι εἶδες τοὺς πόδας καὶ τοὺς δακτύλους μέρος μὲν τι ὀστράκινον μέρος δέ τι σιδηροῦν βασιλεία διηρημένη ἔσται καὶ ἀπὸ τῆς ρίζης τῆς σιδηρᾶς ἔσται ἐν αὐτῇ ὃν τρόπον εἶδες τὸν σίδηρον ἀναμειγμένον τῷ ὀστράκῳ [...]); o mesmo ocorre no texto massorético.

<sup>19</sup> Pahl. *xēsm*: “fúria”, ou, como acontece com frequência com qualidades nas línguas indo-européias, a divindade que encarna a fúria, ou “demônio da fúria”, ou ainda “demônio da raça da fúria”.

sentido estrito: por menos que se possa considerar o livro bíblico de Daniel como historiografia - não é, e nem pretende sê-lo (MILLAR, 1997; MOMIGLIANO, 1987), o quadro que se desvela ao leitor é apenas de impérios temporais. Daí grande parte da polêmica, tanto no mundo antigo quanto no moderno quanto à natureza dos impérios mundiais em Daniel: já em Josefo e no autor de 4Ezra encontramos essa preocupação<sup>20</sup>.

A outra forma, sobre a qual não há certeza entre os acadêmicos se trata-se de aperfeiçoamento da seqüência de 4 ou se a de 4 seria uma simplificação desta de que tratarei agora, que é a de 7 idades, localizada no ZWY 2.14-22:

‘Vi uma árvore que tinha sete galhos. Um de ouro, um de prata, um de cobre, um de bronze, um de estanho, um de aço, um de

---

<sup>20</sup> Cf. e.g. Flávio Josefo, *Antigüidades judaicas* 10.276-281 (καὶ δὴ ταῦτα ἡμῶν συνέβη παθεῖν τῷ ἔθνει ὑπὸ Ἀντιόχου τοῦ Ἐπιφανοῦς, καθὼς εἶδεν ὁ Δανιήλος καὶ πολλοῖς ἔτεσιν ἔμπροσθεν ἀνέγραψε τὰ γενησόμενα. τὸν αὐτὸν δὲ τρόπον ὁ Δανιήλος καὶ περὶ τῆς Ῥωμαίων ἡγεμονίας ἀνέγραψε, καὶ ὅτι ὑπ’ αὐτῶν ἐρημωθήσεται. Ταῦτα πάντα ἐκεῖνος θεοῦ δείξαντος αὐτῷ συγγράψας κατέλειπεν: ὥστε τοὺς ἀναγινώσκοντας καὶ τὰ συμβαίνοντα σκοποῦντας θαυμάζειν ἐπὶ τῇ παρὰ θεοῦ τιμῇ τὸν Δανιήλον καὶ τοὺς Ἐπικουρείους ἐκ τούτων εὐρίσκειν πεπλανημένους, οἱ τὴν τε πρόνοιαν ἐκβάλλουσι τοῦ βίου καὶ θεὸν οὐκ ἀξιοῦσιν ἐπιτροπεύειν τῶν πραγμάτων, οὐδ’ ὑπὸ τῆς μακαρίας καὶ ἀφθάρτου πρὸς διαμονὴν τῶν ὄλων οὐσίας κυβερνᾶσθαι τὰ σύμπαντα, ἅμοιρον δὲ ἡνιόχου καὶ ἀφρόντιστον τὸν κόσμον αὐτομάτως φέρεσθαι λέγουσιν. ὃς εἰ τοῦτον ἀπροστάτητος ἦν τὸν τρόπον, καθάπερ καὶ τὰς ναῦς ἐρήμους κυβερνητῶν καταδυόμενας ὀρώμεν ὑπὸ πνευμάτων ἢ καὶ τὰ ἄρματα περιτρεπόμενα μὴ ἔχοντα τοὺς ἡνιοχοῦντας, συντριβείς ἂν ὑπὸ τῆς ἀπρονοήτου συμφορᾶς ἀπωλώλει καὶ διεφθείρετο. Τοῖς οὖν προειρημένοις ὑπὸ Δανιήλου δοκοῦσί μοι σφόδρα τῆς ἀληθοῦς δόξης διαμαρτάνειν οἱ τῷ θεῷ μηδεμίαν εἶναι περὶ τῶν ἀνθρωπίνων ἀποφαινόμενοι πρόνοιαν: οὐ γὰρ ἂν κατὰ τὴν ἐκεῖνου προφητείαν, εἰ συνέβαινε αὐτοματισμῷ τινι τὸν κόσμον διάγειν, πάντα ἐωρῶμεν ἀποβαίνοντα. ἐγὼ μὲν περὶ τούτων ὡς εὔρον καὶ ἀνέγνων οὕτως ἔγραψα: εἰ δέ τις ἄλλως δοξάζειν βουλήσεται περὶ αὐτῶν, ἀνέγκλητον ἔχεται τὴν ἕτερογνωμοσύνην).

Cf. ainda 4Ezra 12:11 (...aquilam quam vidisti ascendentem de mari, hoc est regnum quartum, quod visum est in visu Danihelo fratri tuo).

ferro misturado'<sup>21</sup>. Ohrmazd disse: 'Ó Zaratustra [...] o que te profetizo é isto: a árvore de um único tronco que viste 'que o mundo criado por mim, Ohrmazd, os sete galhos que viste são as sete eras vindouras. A de ouro é o reinado do rei Vištāsp, quando eu e tu conversaremos sobre a religião, o rei Vištāsp a receberá e reprimirá a manifestação dos demônios, que não serão mais visíveis mas irão esconder-se, Ahriman e a progenitura dos demônios correrão novamente para as profundezas do inferno, e a existência das águas, do fogo, das plantas e de Spandarmat, a terra, será manifesta. A de prata será o reino de Artaxerxes, o kai que denominamos Vahuman filho de Spanddāt que caçará os demônios para longe dos homens, que embelezará o mundo inteiro e protegerá a religião. A de cobre é o reino de Artaxerxes, o kaiânida, organizador e restaurador, e a do rei Sapor quando ele organizará o mundo criado por mim, Ohrmazd, propagará a salvação através das regiões do mundo, a excelência tornar-se-á manifesta [...] A de bronze é o reinado dos Arsácidas [...] A de estanho é o reino de Vahrām Gōr, quando ele conferirá ao espírito uma paz visível e Ahriman e os feiticeiros correrão de novo para as trevas do inferno. A de aço é o reinado de Cosroé da família de Kavāt, quando o maldito Mazdak filho de Bāmdāt<sup>22</sup>, adversário da religião, aparecerá entre os dissidentes, mas ele os expulsará da religião. Aquela de ferro misturado, ó Zaratustra Spitāmida, é quando teu milésimo inverno começará, ó Zaratustra Spitāmida<sup>23</sup>.

Analisando-se ambas, temos um quadro no qual revela-se a Zoroastro duas séries futuras de eras (que a rigor constituem uma só, já que elas se superpõem parcialmente - não faria sentido duas eras de ouro, duas de prata etc.) cujo conteúdo é essencialmente o mesmo: não uma degeneração progressiva do homem, ou da criação de Ohrmazd, mas de

---

<sup>21</sup> A referência constante à presença de ferro misturado com outra coisa parece invalidar a leitura tradicional de Dn 2 como relacionada aos casamentos entre Lágidas e Selêucidas; se o autor da passagem pensou nisso, deve ter apropriado-se de uma imagem que lhe é anterior.

<sup>22</sup> Mazdak, enforcado em 529 d.C., e foi uma espécie de reformador social que absorveu idéias maniqueístas; ele e seus seguidores foram mortos for Cosroé, como diz o texto do ZWY (que tem, portanto, que lhe ser posterior, ao menos nessa seção). A reelaboração do tema dos quatro galhos da árvore em sete faz supor um núcleo mais antigo apenas retrabalhado, no entanto. Também aqui encontramos a inserção de monarquias míticas com históricas, comum à apocalíptica persa. (HULTGÅRD, 1995: 106).

<sup>23</sup> Tradução minha, a partir da edição de Cereti.

“altos e baixos” na relação do homem com seu criador. E nessa série de “altos e baixos” encontramos tanto períodos históricos quanto míticos.

Um dado fundamental é que, *do ponto de vista do narrador*, essas idades são todas vindouras e, portanto, isso exclui todos os tempos analisados por Ohrmazd em sua conversa com Zoroastro, com exceção da breve introdução à idade de ouro, “na qual eu e você conversamos etc.”<sup>24</sup>.

## 1.2 OS PADRÕES DO ZAND-I WAHMAN YASN

Temos portanto seqüências de 4 e de 7 eras, impérios ou metais no ZWY; as duas questões-chave que se colocam ao investigador são, a meu ver, as seguintes:

### 1.2.1 QUAL DAS DUAS SÉRIES TEM PRECEDÊNCIA SOBRE A OUTRA?

Eu diria que a seqüência de quatro mostra-se mais homogênea do que a de cinco, embora do ponto de vista do simbolismo numerológico ambas tenham peso equivalente (“quatro” representando o número de estações do ano, “sete” o número de dias da semana). Mas é de chamar a atenção o fato de que na seqüência de 7 a mistura de reinos míticos e históricos apresentar-se muito mais confusa; a isso permito-me lembrar ao leitor que outras seqüências de quatro eras, notadamente as indianas, têm precedência histórica sobre as de sete, ainda que tenham durante muito tempo sobrevivido sob a forma de tradições orais<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Cf. supra, nota 6.

<sup>25</sup> A especulação apocalíptica védica se dá num esquema de quatro períodos que constituem um *kalpa* ou *caturyuga*, organizados do seguinte modo:

1. *Kritayuga*: 4000 anos, + uma aurora de 400 e um crepúsculo de 400
2. *Tretayuga*: 3000 anos, + uma aurora de 300 e um crepúsculo de 300
3. *Dvaparayuga*: 2000 anos, + uma aurora de 200 e um crepúsculo de 200

## 1.2.2 QUAL A SUA RELEVÂNCIA PARA O ENTENDIMENTO GERAL DO TEMA DAS CRONOLOGIAS NO MUNDO ANTIGO?

As duas questões acima, obviamente deixam de fora aquelas relativas à periodização do tempo nos termos em que ela se manifesta na *Bundahišn* (um relato sobre a Criação e sobre o propósito e desfecho da mesma, constituindo portanto um tratado escatológico em grande medida). A *Bundahišn* apresenta-se sob duas versões uma denominada “Grande”, ou “Iraniana”, e a outra a “Pequena” ou “Indiana”. Abreviadas aqui por comodidade como GrBd e Bd, simplesmente. Nelas encontramos outros tipos de cronologias, que não excluem nem se opõem aos modelos do ZWY, mas das quais tratarei em detalhe abaixo.

## 1.3 DO QUE AS PERIODIZAÇÕES TRATAM

Pode-se dizer que os três tipos essenciais de cronologias encontrados nos textos persas pré-islâmicos (cuja datação é, em si mesmo, um problema sério de cronologias superpostas), remetem a três numerais: 4, 7 e 12 e seus múltiplos. “4” reflete o número de estações do ano, “7” o número de dias da semana (e para um leitor ou ouvinte cristão ou judeu, o número de dias da criação) e 12 e seus derivados o número de dias do ano.

---

4. *Kaliyuga*: 1000 anos, + uma aurora de 100 e um crepúsculo de 100

O total é de 12000 anos e a cronologia acima já se encontra no *Mahabarata*. No primeiro período os homens são formados de gêmeos e a vida humana, na qual os mandamentos éticos são observados, dura 4000 anos. Uma versão do mito encontra-se no *Rg Veda* 10.10, no qual Yama recusa-se a se unir à sua irmã gêmea Yami. Temos aqui um mito indo-iraniano no qual os gêmeos primordiais fazem nascer os primeiros homens, e implica a noção de que os homens da primeira idade eram andróginos. Nesse período de felicidade, a cor de Vishnu-Narayana, cujo corpo é o universo, é o branco. No segundo período, *treta*, os homens não são mais gêmeos, e já encontram-se separados entre homens e mulheres; existem ofícios, casas e a propriedade privada. O *dharma* (a “lei”) reduziu-se de 1/4 e a vida humana também. Agora a cor de Vishnu é o vermelho. No terceiro período, *dvapara*, o *dharma* reduziu-se em mais 1/4; os homens estão expostos a doenças, surgem a avareza e a mortalidade. A cor de Vishnu é o amarelo; no quarto, *kali*, todas as desgraças abatem-se sobre os homens, e o curso de todas as coisas se inverteu. Resta apenas 1/4 do *dharma*. O mundo torna-se cheio de heresias e a cor de Vishnu é o preto.

Em termos de conteúdo, à primeira vista essas periodizações tratam de cronologias cíclicas, pois emulam o tempo da natureza: todavia, um olhar mais atento revela que isso não é bem verdade. O “tempo da natureza” é tomado apenas como modelo para algo bem mais sofisticado, verdadeiro salto na história das idéias que o estudioso atual mal tem como avaliar: as cronologias persas, ao servirem-se das seqüências de 4, 7 ou 12 o faziam de modo radicalmente diferente de seus predecessores no Antigo Oriente Próximo, do Nilo até o Ganges, pois rompiam com o padrão cíclico segundo o qual o uso dessas séries nada mais fazia do que reafirmar a soberania na Terra de um monarca que era o representante de uma ordem divina (COHN, 1993, pp.3, 31, 34-35, 38, 59-60);

## **2 UM PANORAMA DAS VISÕES PERSAS DOS PROCESSOS HISTÓRICOS NO ZWY**

As concepções gerais de tempo ou “tempos”, i.e. os moldes nos quais se encaixam os eventos históricos para os autores ou compiladores do ZWY obedecem portanto a dois tipos de estruturas: uma, de fundo, que pode ser composta por topologias de 4 ou de 7 idades; e outra que reflete a crença zoroástrica na sucessão de milênios, dos quais o de Zoroastro [e precisamente aquele em que se localiza a “pseudepigrafia derivada” (MIRGUET, 2012: 02)<sup>26</sup> do texto: vimos acima que a primeira de várias referências a esse período infeliz em que temos um mundo “de ponta-cabeça” com valores pervertidos encontra-se em ZWY 3.29; o tema repete-se noutras passagens. ZWY 4.1-4:

Zarduxšt disse, ‘Criador do mundo dos seres materiais, espírito pleno, qual será o sinal do décimo milênio? Ohrmazd disse, ‘Ó Spitāman Zarduxšt, eu deixarei isso claro. O sinal do fim do teu milênio será <que> o pior dos períodos chegará. Cem tipos, mil

---

<sup>26</sup> Uso o termo no sentido que lhe confere minha colega Françoise Mirguet em sua análise do *Testamento de Abraão*.

tipos, uma miríade de tipos de dêws de cabelo partido da semente de Xēšm, aqueles da pior raça, surgirão no Irã<sup>27</sup> do lado do Xwarāsān<sup>28</sup>. Eles erguerão seus estandartes, usarão armaduras negras e terão o cabelo partido para trás, serão pequenos e da pior raça e de golpes poderosos e urinarão veneno.

A par da demonização habitual dos inimigos, o texto nos fornece algumas pistas interessantes para a datação do último milênio: ele coincide, pela cronologia adotada no ZWY, com a chegada de invasores do Khorasan, ou do Oriente em geral.

Outras passagens que evocam o mesmo tema do “décimo milênio” de Zoroastro encontram-se ainda no ZWY 5.6 - “Ohrmazd disse, ‘Ó *Spitāman Zarduxšt*, nesses nove mil anos que eu, Ohrmazd, criei, os homens desses <últimos> tempos duros serão os mais incomodados”.

Em suma, os exemplos são numerosos e repetem o mesmo tema: podemos encontrá-los, sem variações ou curiosidades, no ZWY como noutras passagens de textos zoroástricos.

## 2.1 A NOVIDADE: HISTÓRIA COMO PROCESSO MUITO ANTES DE HEGEL

Em todo caso, não me parece que esses dois (ou três) esquemas sejam opostos ou incompatíveis uns com os outros.

Quanto à relação dos esquemas de 4 e 7, examinei cima o que me parece a solução mais provável - i.e. que o esquema de “7” seja o mais recente e derivado de um mais

---

<sup>27</sup> Pahl. *ērānšahr*, i.e. “terra do Irã” (*Eran*, “terra dos arianos” + *šahr*, “terra,” “país”).

<sup>28</sup> Pahl. *az kustag ī xwarāsān, ān ī nidom-tōhmag* [...] (i.e. “do distrito <do> [*i* é partícula conectiva freqüentemente intraduzível em Pahl.] leste [alt. do Oriente], que <da> menor raça [...]). Note-se que a referência aos invasores do pior tipo vindo do Oriente sugere que se trate de tribos turcas ou mongólicas, ou ainda de algum grupo mítico inventado para esse propósito - a urina venenosa contribui para seu colorido - (como os povos de “Gog” e “Magog” no AT), o que dificulta ainda mais a atribuição do ZWY ao período helenístico, romano-bizantino ou, como querem os mais pragmáticos, ao das invasões árabes.

primitivo de 4, mais próximo aos esquemas hesiódico e védico (ALLEN, 2006, pp.221-222 n.2, 2006; 2007, pp.36-37; WEST, 2010, Kindle Locations 126-130)<sup>29</sup>.

Os esquemas de 12 mil anos, ou como preferem alguns, de 9 mil anos, parecem-me ainda mais generalizantes do que os de 4 / 7 apesar de envolverem um número de anos maior, pois não fazem mais do que abranger uma infinidade de anos circunscrevendo-os em períodos de 3 ou 4 eras (este é outro ponto que considero favorável à minha argumentação, já que tanto 3 quanto 4 são divisores exatos de 12 mil e 3 o é para uma seqüência de 9 mil; a série de 7 em ZWY 3 soa ainda mais estranha nesse contexto).

É de se notar ainda uma passagem pouco estudada até hoje e caracterizada por uma seqüência que nem é de 4 nem de 7 metais, mas de 5 metais indiretamente relacionados a 12 povos diferentes (ZWY 4.57-59):

A terra, Spandarmad<sup>30</sup>, abrirá a <sua> boca e todas as gemas e metais, como ouro, prata, cobre, lata e chumbo<sup>31</sup>, serão expostos. E a soberania e poder passarão para aqueles de origem não-iraniana, como os Hyōn, os Turk, os Xadur, os Tōbīd, como os Hindūg, os Kōfyār, os Čynig, os Kābulīg, os Subdīg, os Hrōmāyīg, os Karmīr Hyōn e os Spēd Hyōn. Eles governarão as terras iranianas que eu, <Ohrmazd, criei>; suas ordens e desejos serão correntes

---

<sup>29</sup> A observação de West é especialmente relevante (contra a posição radicalmente oposta de Skjærvø e de parte da iranologia mais afeita aos estudos baseados nas sociedades com memória preservada oralmente): “Certain modern scholars have maintained that Zoroaster was not the name of a historical but of a mythical personage, a mere construct. This view can only be called perverse. A single, distinct personality speaks to us out of the poems, and in several places the poet names himself as Zoroaster, or rather (in his own language) Zarathushtra. In the one poem that is not by him, Yasna 53, he is named again as a real person, either still living or of recent memory. In the later parts of the Avesta as well as in other Zoroastrian literature he is frequently spoken of, with never a doubt as to his historical reality”.

<sup>30</sup> Pahl. *Spandarmad*, “o Pensamento Santo”, o quarto *Amahraspand* (vulg. *Amesha Spentas*, os auxiliares de Ohrmazd; alt. a “deusa terra”).

<sup>31</sup> Cereti aponta uma leitura alternativa: *arzīz*, “lata”, ou “chumbo”, o que acarretaria uma repetição; ainda *srub*, “chumbo” somente, MSS. DH e K43 omitem esse trecho com o “e” após a “lata”. Em K43 temos a transliteração *slp*, trad. *srub*. Ou seja, metade dos MSS. disponíveis não contêm uma quinta idade na série de cinco de ZWY 4.

pelo mundo. A autoridade passará daqueles com o cinturão de couro, dos Tāzig, e dos Hrōmāyīg para eles<sup>32</sup>.

Cabem algumas breves notas sobre esses povos: a tradução oferecida por Eddy (1961: 343 ss.) vai nessa direção, que é a mesma em essência daquela proposta por West (MÜLLER, 1897; devemos lembrar das limitações de West ao final do séc.XIX: “For the Pahlavi text, of the Bahman Yast [sic] the translator [i.e. West] has to rely upon the single old manuscript K20, already described”. Kindle Locations 906-907), de quem ele também utiliza a numeração e divisões; em ZWY 4.5 Ohrmazd deixa uma espécie de “enigma” para Zoroastro, ao dizer que a “origem daqueles nascidos da semente de *xēšm* não é revelada”<sup>33</sup>; mas poder-se-ia objetar que, se trata aqui da sua descendência, e não dos próprios *xēšm*. Eddy sugere que a sua procedência, indicada nos versos anteriores (4.2-4), seja a Armênia (*Xwarāsān*; cf. Bd 20.12 e a nota 22 deste artigo).

Cereti, seguindo Boyce (1989: 73 ss.) sugere que numa versão original o termo deveria referir-se aos macedônios, mas não é isso o que a evidência interna do ZWY, tal como chegou até nós, sugere (CERETI, 1995: 174). Em suma, numa especulação ousada, para recuarmos a datação do ZWY o suficiente para poderemos falar num texto que seja *bem* anterior ao que temos teríamos que entender o Khorasan como a Bácia e a “raça de *xēšm*” como os descendentes da colonização grega, alexandrina e mesmo anterior a Alexandre.

Com tudo isso, creio ser correto afirmar que temos, já no ZWY, *uma visão da história humana suficientemente desvinculada do mítico para que possa ser considerada como processo mais humano do que divino*.

---

<sup>32</sup> Para a discussão dos povos listados e sua identificação, cf. a doxologia de CERETI, 1995, pp.191-192 e BAILEY, 1930-1932, pp.945-953; não há espaço nem necessidade de fazer essa discussão aqui, já que o foco deste artigo é a cronologia e não os conteúdos míticos das listas de povos e lugares, embora o leitor mais informado já deva ter percebido que *Hrōmāyīg* é o termo persa comumente utilizado para referir-se aos “romanos” ou “bizantinos”.

<sup>33</sup> Pahl. *ān ī xēšm-tōhmag*, “da raça da fúria”.

Isso significa que, muito antes das chamadas “filosofias da história” posteriores a Voltaire (LÔWITH, 1949: 01, 104 ss.) já teríamos todos os componentes essenciais para a mesma no ZWY. Cabe dizer que não percebo distinção ontológica entre os agentes metahistóricos das “filosofias seculares da história” e as “teologias da história”, já que nos dois casos temos agentes imateriais, impalpáveis e *principalmente*, externos aos eventos mesmos que explicam seu movimento e determinam seu sentido. Como já expus inúmeras vezes, se esses agentes são manifestamente sagrados ou pretensamente materialistas me é indiferente e oferece mais uma fonte de confusões do que de esclarecimentos (DOBRORUKA, 2006: 307-313).

Pode-se objetar - não sem alguma razão - que o ZWY trata, quer nas séries de 4 ou nas de 7 ainda tratam de reinos míticos (os de *Vištāsp* - ZWY 1.8; 3.23; de *Ardaxšir*, o kaiânida - ZWY 1.9; 3.24) misturados aos históricos (*Ardaxšir ī Pābagān*<sup>34</sup>, *Šābuhr II*<sup>35</sup>, *Ādurbad ī Mahraspandān*<sup>36</sup> - todos no ZWY 3.24 - e *Wahrām V*<sup>37</sup> no ZWY 3.26) - mas não acontece de modo ainda mais confuso em Heródoto<sup>38</sup>? E que dizer do próêmio da *Guerra do Peloponeso* de Tucídides, que causa embaraço aos defensores mais convictos do sisudo analista da *Realpolitik* ateniense<sup>39</sup>?

O leitor deve estar indagando porque o ultimo dos reinos, o dos “filhos da raça da fúria” não foi incluído entre os míticos - ou entre os históricos. Quanto a isso, há dois

---

<sup>34</sup> Pahl. *ardaxšir ī gēhān ārāstār*, lit. “*Ardaxšir* restaurador [ou arranizador] do mundo”.

<sup>35</sup> Pahl. *šābuhr*, Shapur II (309-379 CE).

<sup>36</sup> Pahl. *ādurbād*, derivado do Av. *Ātarepāta*, um dos *fravashis* responsável pelo fogo (persa antigo indicando “protegido pelo fogo”); No Fravardin Yast em Avéstico temos *āterepātahe ashaonō fravashīm ýazamaide*, que significa aproximadamente “nós cultuamos o *fravashi* do santo Atare-pata”. Dessa raiz derivariam “Atropates”, nome comum em persa desde o período Aquemênida e, modernamente, “Azerbaijão”. (JUSTI, 1895: 49).

<sup>37</sup> Pahl. *wahrām gōr*, da transliteração *gwl*, “onagro”, “asno selvagem”. Wahram V (422?-438-439 CE).

<sup>38</sup> *Histórias*. 1.1-3.

<sup>39</sup> *História da Guerra do Peloponeso*. 1.2 e.g. para tratar da origem do termo “grego”: Τεκμηριοῖ δὲ μάλιστα Ὀμηρος. [...]

problemas para que essa delimitação se torne categórica: em primeiro lugar, os atributos míticos dos povos “da raça da fúria”, notadamente o fato de urinarem veneno (ZWY 4.4)<sup>40</sup>; em segundo lugar, o fato de que, se representam populações de existência comprovada - quer sejam orientais, do Khorasan (como quer Eddy, descendentes dos gregos assentados por Alexandre), ou invasores árabes (como pretendem os defensores da datação recente do ZWY e, por extensão, da inviabilidade de um ZWY pré-CE), o estado dos MSS. e sua quantidade é insuficiente para chegarmos a qualquer conclusão

O que temos, portanto, é uma última “raça” que se mostra no limiar entre o presente indesejável e aterrorizante e um futuro desastroso para as terras que Ohrmazd criou: mas não é possível dizer se esses povos são, como aponta parte da exegese atual do *Apocalipse de João*, *wishful thinking*, ou povos concretos, ou ainda uma mistura de ecos do passado retrabalhados por camadas redacionais (é minha opinião pessoal). Todavia, é apenas uma opinião e não há espaço, neste texto, para discutir tal hipótese, que terá de ser discutida isoladamente num trabalho futuro de mais fôlego.

## 2.2 O FINAL DOS TEMPOS, A AÇÃO DA PROVIDÊNCIA E O LIVRE-ARBÍTRIO

O zoroastrismo, qualquer que tenha sido a sua origem e qualquer que seja o partido tomado por este ou aquele grupo de estudiosos, foi a primeira doutrina religiosa conhecida a colocar o homem frente ao dilema de uma divindade que tudo previu (a armadilha que Ohrmazd compôs para Ahriman não é outra coisa senão isso, um tipo de “predestinação”) *versus* o livre-arbítrio, i.e. a escolha de que dispõe cada ser humano individualmente para fazer o Bem ou o Mal<sup>41</sup>.

O texto do ZWY não é original nesse sentido, mas acrescenta um dado fundamental que falta à Bd: aqui, temos a inclusão de reinos históricos, quer na seqüência

<sup>40</sup> Pahl. [ud] pēšyār-wiš hēnd, “[e] urina-veneno irá”; “urina”, pēšyār, é aqui substantivo.

<sup>41</sup> O grande exemplo aqui encontra-se na Bd 1 (8-20); cf MÜLLER, 1897 Kindle Locations 1257-1287.

de 4, quer na de 7. É certo que também interpõem-se reinos míticos nas duas séries, mas já temos um esboço bem claro de uma narrativa metahistórica orientada de uma criação divina *natural* para uma ação humana *histórica*.

Aos olhos de leitores habituados às sutilezas das teologias da história mais desenvolvidas (mesmo que não tão distantes cronologicamente - pensemos no ciclo daniélico), o encaminhamento dos eventos do ZWY parece um tanto rudimentar. Mas devemos levar em conta diversos fatores:

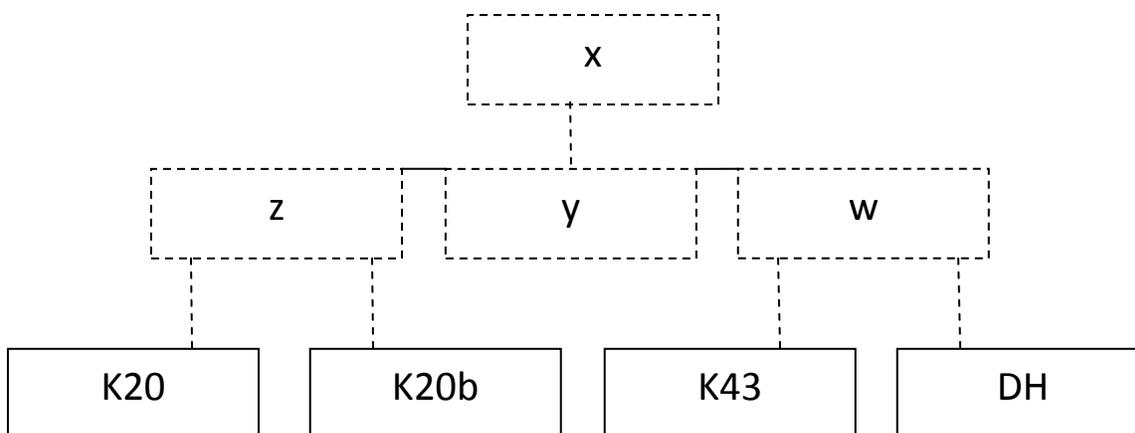
1. A escassez de MSS (se dispuséssemos de mais textos, poderíamos ter mais variantes textuais);

2. A incerteza quanto à datação: temos, na melhor das hipóteses, os colofões em alguns MSS.<sup>42</sup>, remetendo a cópias mais antigas mas que não chegam sequer ao período Arsácida (GIGNOUX, 1986) - é muito pouco para podermos afirmar qualquer coisa com grau de certeza muito elevado com relação ao possível *Urtext* do ZWY;

3. A natureza compósita dos MSS, tal como chegaram até nós: o arranjo das famílias dos 4 MSS tal como feito por CERETI (1995: 06) nos mostra o seguinte quadro, ou *stemma codicum*:

---

<sup>42</sup> Para cada um dos quatro MSS., temos: 3 colofões datados de 1321, 1351, e 1331 CE, respectivamente, para K20; Christensen postula um *terminus ante quem* de 1396 CE para K20 (CHRISTENSEN, 1931b); em K20b um fólio pertence ao séc.XIV e outros 20 aos sécs.XVI-XVII (CERETI, 1995: 03-04); DH, que já pertenceu à coleção de Behramgore T. Anklesaria é de 1577 CE (CERETI, 1995: 04); por fim, K43 fornece colofões para outros textos que o constituem, respectivamente em 1587, 1589 e 1594 CE; é razoável supor que o ZWY nele contido foi copiado no mesmo período (CERETI, 1995: 05).



Ou seja, de um suposto “original”, agora perdido, em Pahlavi ou mesmo em avéstico, derivaram três famílias de códices, das quais uma fi comum a outras duas hipotéticas que originaram, de um lado, K20 e K20b e de outro, DH e K43.

Novamente, muito disso é altamente especulativo e se dispuséssemos de mais elementos, todo o percurso poderia ser traçado de outro modo. Por isso, argumentos como os de Gignoux (1986; 1988: 71-72) ou de Duchesne-Guillemin (1982: 758-759), por absurdos que pareçam à primeira vista, fazem certo sentido, e os de Eddy (1961: 14)<sup>43</sup> soam cada vez mais especulativos a medida em que seu livro vai ficando cada vez mais datado. Outra possibilidade de datação do ZWY, a ser explorada futuramente, é a de encaixá-lo em algum dos textos do *corpus* documental já existente da literatura avéstica ou em Pahlavi<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Eddy defende a anterioridade do ZWY com relação à Dn. O que está misturado com ferro no ZWY não se tem como identificar, pois como vimos a palavra está ausente. Um argumento forte de Eddy a favor é que em Dn 4 Nabucodonosor vê uma árvore cujas raízes estão amarradas com uma faixa de ferro e bronze, o que conduziria a uma clara mescla dos complexos míticos da árvore com os dos metais, mas é um argumento que esbarra nos problemas semelhantes aos da datação do ZWY - o da natureza compósita das fontes.

<sup>44</sup> Devo esta sugestão, a ser explorada futuramente em profundidade, a meu colega Dan Shapira.

A questão do “providencialismo” *versus* livre-arbítrio não aparece de modo claro no ZWY; eu diria mesmo que nele vemos apenas reflexos dessa opção que é, no fundo, um dilema do qual nenhuma das grandes religiões monoteístas até hoje conseguiu escapar - porque uma divindade boa permitiria a presença do Mal no mundo? Se para demonstrar a própria majestade, teríamos uma economia soteriológica de puro desperdício; se para testar a vontade dos homens, então seria dando-lhes uma chance de se perderem, o que seria blasfemo.

De todo modo, temos diante de nós um texto que é, na qualidade de artefato, de objeto ou manuscrito, algo datável do período pós-invasão árabe; os questionamentos quanto à sua datação não têm como ser resolvidos neste artigo e talvez, sequer tenham como ser resolvidos algum dia. Quanto ao seu conteúdo, nos deparamos com outro tipo de questão: e nesse sentido, noto um arcaísmo inerente às duas séries, quer de 4 quer de 7 impérios, eras e metais que me parece remeter a um passado muito mais longínquo do que o de Daniel. O passado das estepes centro-asiáticas onde, segundo muitas variações da mesma lenda, o *kai Vištāsp* acolheu o profeta Zoroastro e desse modo pôs em movimento a história humana, caso particular do combate entre o Bem e o Mal, entre Ohrmazd e Ahriman.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Nicholas J.. “The Buddhist Wheel of Existence and two Greek Comparisons”. In: GARCÍA QUINTELA, Marco V. et alii (eds). *Anthropology of the Indo-European World and Material Culture: Proceedings of the 5th International Colloquium of Anthropology of the Indo-European World and Comparative Mythology*. Budapest: Archaeolingua Alapítvány, 2006.

\_\_\_\_\_. “The shield of Achilles and Indo-European tradition”. In: *Cuadernos de filología clásica. Estudios griegos e indoeuropeos*. Madrid: Departamento de Filología Griega y

Lingüística Indoeuropea / Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, 2007.

ANKLESARIA, Behramgore T.. *Zand-Akashih. Iranian or Greater Bundahishn. Transliteration and Translation in English*. Bombay: Published for the Rahnumae Mazdayasnan Sabha by its Honorary Secretary Dastur Framroze A. Bode. 1956.

BAILEY, Harold W.. "Iranian studies" in *Bulletin of the School for Oriental and African Studies*, vol.6. 1930-1932.

BOYCE, Mary. *A History of Zoroastrianism*. Leiden: Brill, 1975.

\_\_\_\_\_. *Zoroastrians: their Religious Beliefs and Practices*. London / Boston: Routledge & Kegan Paul, 1979.

\_\_\_\_\_. *Textual Sources for the Study of Zoroastrianism*. Manchester: Manchester University Press, 1984a.

\_\_\_\_\_. "On the antiquity of Zoroastrian apocalyptic" In: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 47: 57-75, 1984b

\_\_\_\_\_. "The poems of the Persian sybil" In: *Studia Iranica* 7, 1989.

CERETI, Carlo G. (ed.). *The Zand i Wahman Yasn: a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

CHRISTENSEN, Arthur. *Les Kayanides*. København: Andr. Fred. Høst & søn, 1931a.

\_\_\_\_\_. *The Pahlavi Codices K20 & K20b*. København: Codices Avestici et Pahlavici Bibliothecae Universitatis Hafniensis, vol.1. 1931b.

COHN, Norman. *Cosmos, Chaos and the World to Come. The Ancient Roots of Apocalyptic Faith*. New Haven / London: Yale University Press, 1993.

DOBRORUKA, Vicente. "Mito e história na Antigüidade: esboço para um estudo de conjunto dos limites entre religiosidade e metahistória" In: *Boletim do CPA*, Unicamp, 2006.

DUCHESNE-GUILLEMIN, Jacques. "Apocalypse juive et apocalypse iranienne". In: BIANCHI, Ugo e VERMASEREN, Maarten J. (eds.). *La soteriologia dei culti orientali nell'Impero romano:*

*atti del Colloquio internazionale su la soteriologia dei culti orientali nell'Impero romano, Roma, 24-28 settembre 1979.* Leiden: Brill, 1982.

EDDY, Samuel K. *The King is Dead. Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism 334-31 B.C.* Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.

GIGNOUX, Philippe. "Sur l'inexistence d'un *Bahman Yasht* avestique". In: *Journal of Asian and African Studies* 32: 53-64, 1986.

\_\_\_\_\_. "L'apocalyptique iranienne est-elle vraiment la source d'autres Apocalypses?". In: *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 31 (1-2): 67-78, 1988.

HULTGARD, Anders. "Mythe at histoire dans l'Iran ancienne". In: WIDENGREN, Geo et al. *Apocalyptique iranienne et dualisme qoumrânien.* Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.

JUSTI, Ferdinand. *Iranisches Wörterbuch.* Marburg: N.G.Elwert, 1895.

LÖWITH, Karl. *Meaning in History.* Chicago / London: University of Chicago Press, 1949.

MILLAR, Fergus. "Hellenistic history in a Near Eastern perspective: the book of Daniel" In: CARTLEDGE, Paul (ed.). *Hellenistic Constructs: Essays in Culture History and Historiography.* Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1997.

MIRGUET, Françoise. "Beyond authority: the construction of Scriptures in the Testament of Abraham" in: *Colloquium Biblicum Lovaniense.* Leuven: 26-27/07/2012.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "Daniele e la teoria greca della successione degli imperi". *Storia e storiografia antica.* Bologna: Il Mulino, 1987.

MÜLLER, Friedrich M.. *Pahlavi Texts: Part I* (trad. Edward W. West. Originamente parte de *Sacred Books of the East. Sacred Books of the East.* Vol.5. Oxford: Oxford University Press, 1897). (Kindle edition e-book)

SKJÆRVØ, Prods O. "Avestan society" in: DARYAEE, Touraj (ed.). *The Oxford Handbook of Iranian History.* Oxford: Oxford University Press, 2012. (Kindle edition e-book)

WEST, Martin L.. *The Hymns of Zoroaster. With Introduction and Commentary.* London / New York: I.B. Tauris, 2010. (Kindle edition e-book)